

# IAN WATT E A FIGURAÇÃO DO REAL (ANOTAÇÕES DE LEITURA)\*

SANDRA GUARDINI T. VASCONCELOS

Universidade de São Paulo

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a apropriação, por parte do autor de *A ascensão do romance*, de formulações teóricas fundamentais no âmbito da Teoria Crítica, que possibilitaram a Ian Watt, formado na tradição da crítica prática inglesa, incorporar, no estudo dos temas e autores que elegeu ao longo de sua carreira como historiador e crítico literário, a preocupação com os processos sócio-históricos que lhes deram origem. Aqui, toma-se como exemplo paradigmático *Robinson Crusoe*, romance de Daniel Defoe publicado em 1719.

## Abstract

*This article aims to discuss the appropriation by Ian Watt of some crucial theoretical contributions from Critical Theory, which enabled the author of A ascensão do romance to incorporate to the tradition of Practical Criticism a concern with the sociohistorical processes which are formalised by the novelists he privileged in this work as a literary historian and critic. Here, Robinson Crusoe, the novel published by Daniel Defoe in 1719 is taken as a paradigmatic example.*

## Palavras-chave

Ian Watt;  
Adorno;  
romance;  
Robinson  
Crusoe; mito;  
esclarecimento;  
realismo.

## Keywords

*Ian Watt;*  
*Adorno; novel;*  
*Robinson*  
*Crusoe; myth;*  
*Aufklärung;*  
*realism.*

\* Parte dessa pesquisa foi realizada durante um estágio de pesquisador-visitante na Universidade de Manchester, graças a uma bolsa de Pós-Doutorado concedida pela CAPES.

“Your studies on the interconnection of modern mass culture and the origins of the English novel, and your extraordinary essay on Robinson, belong to the most productive writings in this field which have come to my knowledge in a long time.”

(Carta de T. W. Adorno a Ian Watt, 19 de novembro de 1953)<sup>1</sup>

**E**m meio aos vários estudiosos a quem Ian Watt agradece pela leitura e pelas críticas às diferentes versões que resultaram no seu *A ascensão do romance* (1957), a inclusão do nome de Theodor Adorno dá o que pensar,<sup>2</sup> pois, cumprido o costumeiro ritual dos agradecimentos em publicações acadêmicas, o leitor procurará inutilmente outras menções ao pensador alemão ao longo das mais de 300 páginas daquela obra. A explicação, na verdade, vamos encontrá-la em outra parte, em uma conferência proferida por Watt em 1978, em que ele, procedendo a uma espécie de arqueologia do trabalho apresentado inicialmente como tese de doutorado no St. John's College, Cambridge, em 1947, lança um autoirônico olhar retrospectivo sobre esse livro que fez história na crítica de língua inglesa e atraiu adesões e divergências em relação aos seus argumentos quase em igual medida.<sup>3</sup> Ali, depois de descrever o longo processo de composição de *A ascensão do romance*<sup>4</sup> e explicitar seus fundamentos, Watt explica o livro como

<sup>1</sup> Arquivo pessoal do Prof. Ian Watt, sob os cuidados de Stanford University (Special Collections and University Archives).

<sup>2</sup> Ian Watt, Preface, in *The Rise of the Novel: Studies in Defoe, Richardson and Fielding*, Harmondsworth: Penguin, 1983. O prefácio é datado de fevereiro de 1956 e foi escrito já quando o autor era professor da University of California, Berkeley.

<sup>3</sup> “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, conferência proferida por Ian Watt em 1978 mas publicada apenas no ano de 2000, em um número especial de *Eigtheenth-Century Studies* (Reconsidering the Rise of the Novel. Special Issue of *Eighteenth-Century Fiction*, v. 12, n. 2-3, p. 147-67, January-April 2000) que se propunha inicialmente a fazer uma reavaliação de *The Rise of the Novel* (1957) e acabou por se transformar numa espécie de homenagem póstuma ao autor, em razão de sua morte em dezembro de 1999. Foi mais tarde reunida a uma coletânea de ensaios do autor: Bruce Thompson (ed.), *The Literal Imagination*, Palo Alto, Ca., The Society for the Promotion of Science and Scholarship; Stanford, Ca., Stanford University, 2002, p. 70-91.

<sup>4</sup> Segundo Watt, o período de gestação do livro foi de 1938 a 1956. Ver Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 77.

uma síntese parcial, e em muitos aspectos amadora, de duas grandes, porém bastante distintas tradições de pensamento: em primeiro lugar, os elementos empíricos, históricos e morais de minha formação em Cambridge; em segundo, os muitos outros elementos teóricos da tradição européia – o formalismo e a fenomenologia, em menor escala; e o marxismo, Freud e a Escola de Frankfurt, em uma escala de certo modo mais ampla.<sup>5</sup>

Para todos aqueles minimamente informados sobre a crítica inglesa desse período, o recurso a essa verdadeira artilharia alemã, à qual é preciso acrescentar ainda Georg Lukács, Erich Auerbach e Max Weber, surge como uma novidade, pois, desde pelo menos 1870, com Matthew Arnold, até aproximadamente o decênio de 1960, em que os Leavis ainda eram a principal referência, os “English Studies” haviam sido dominados por uma posição idealista e elitista, que se via como uma minoria culta e seleta cuja missão era a defesa da literatura contra o declínio do gosto, e que considerava a literatura (leia-se aqui poesia) como um instrumento de salvação do mundo contra os filisteus e contra aqueles que eram desdenhosamente descritos como “*the herd*” (a manada).<sup>6</sup> O exercício dessa missão teve como uma de suas mais acabadas expressões o periódico *Scrutiny*, fundado por F. R. Leavis em 1932, e por duas décadas a ponta de lança de um projeto intelectual e crítico que visava investigar o mundo contemporâneo e intervir no debate cultural corrente, não apenas redefinindo os rumos da crítica literária inglesa mas debruçando-se sobre “o movimento da civilização moderna” como um todo.<sup>7</sup>

Poucos ensaios resumem tão bem os princípios que iriam nortear o grupo de intelectuais reunido em torno dessa revista quanto o panfleto *Mass Civilization and Minority Culture*, publicado por Leavis em 1930, em que o influente professor de Literatura Inglesa de Cambridge expunha seu ponto de vista a respeito da cultura como um território exclusivo de uma minoria e fazia uma firme defesa de privilégios e, sobretudo, de seu próprio papel como guardiães de bens culturais. A citação é longa, mas vale pelo que traz à luz. Nela ficam evidentes o tom de superioridade e a autoatribuição do encargo de preservar a alta cultura dos perigos do mundo do entretenimento, da literatura popular ou comercial, e dos *best-sellers*.

Em qualquer período, é de uma minoria muito pequena que depende a apreciação perspicaz da arte e da literatura: apenas alguns são (com exceção de casos de tipo simples e familiar) capazes de um juízo espontâneo, de primeira-mão. Embora maior, é ainda uma pequena minoria que é capaz de endossar esse juízo de primeira-mão por meio de uma reação pessoal genuína [...] A minoria capaz não apenas de apreciar Dante, Shakespeare, Baudelaire, Hardy (para citar importantes exemplos), mas de reconhecer que seus sucessores mais recentes constituem a consciência da raça (ou um ramo dela) em um dado momento. [...] Dessa minoria depende nosso poder de tirar proveito da melhor experiência humana do passado; ela mantém vivas as parcelas mais sutis e percíveis da tradição. Dela dependem os padrões implícitos que ordenam

<sup>5</sup> Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 77.

<sup>6</sup> Ver Chris Baldick, *The Social Mission of English Criticism*, Oxford, Clarendon Press, 1983.

<sup>7</sup> Francis Mulhern, *The Moment of “Scrutiny”*, London, New Left Books, 1979, p. 47. Para um estudo em profundidade a respeito do projeto dessa revista, remeto o leitor a esse estudo de Mulhern.

o modo de vida mais refinado de nossa época, a percepção de que esse vale mais que aquele, de que essa e não aquela é a direção que tomamos. Sob sua guarda, para usar uma metáfora que é também metonímia e admite bastante reflexão, está a língua, o idioma cambiante do qual depende o modo de vida refinado e sem o qual a distinção do espírito é frustra e incoerente. Por “cultura” eu me refiro ao uso de tal língua.<sup>8</sup>

A esse manifesto viria se somar, dois anos mais tarde, o relatório de Q. D. Leavis,<sup>9</sup> *Fiction and the Reading Public* (1932),<sup>10</sup> que visava “confirmar, por meio de uma análise sistemática e documentada, o diagnóstico do trabalho anterior [*Mass Civilization and Minority Culture*] e elucidar a etiologia do mal-estar”.<sup>11</sup> Com o objetivo geral de estabelecer uma rigorosa distinção entre “literatura” e “ficção”,<sup>12</sup> a autora empreendia um estudo dos hábitos de leitura do povo britânico para, em razão do que julgava ser uma deterioração geral do gosto, postular a necessidade de um programa de reeducação contra o entretenimento popular. Com base em dados estatísticos inclusive, terminava por propor, contra o que descrevia como um cenário de desintegração dos valores da “cultura”, uma série de ações, tais como a criação de uma editora não comercial e de um órgão crítico de amplo espectro, justamente algo na linha de *Scrutiny*, que seria lançado logo depois.

Esse contexto é importante para compreender o passo dado por Ian Watt no estudo que viria a se tornar *A ascensão do romance*, um projeto que se pode avaliar melhor em comparação com esse pano de fundo representado por esse livro de Q. D. Leavis e por um outro trabalho de F. R. Leavis, *The Great Tradition* (1948). Em um ambiente crítico que privilegiava sobretudo o estudo da poesia, F. R. Leavis foi pioneiro na atenção que dedicou ao romance, gênero que ele pretendia “redimir [...] de seu status comum como uma diversão cultivada (ou narcótica)” com o intuito de “estabelecer sua paridade com as artes canônicas da linguagem”. Longe de tratar do romance em seus próprios termos, o crítico inglês buscava elevar sua condição redefinindo-o como um poema dramático, isto é, “como uma combinação dos dois tipos dos quais ele se distinguia classicamente, o lírico e o

<sup>8</sup> F. R. Leavis, *Mass Civilization and Minority Culture*, Cambridge, The Minority Press, 1930, p. 3-5. [In any period it is upon a very small minority that the discerning appreciation of art and literature depends: it is (apart from cases of the simple and familiar) only a few who are capable of unprompted, first-hand judgement. They are still a small minority, though a larger one, who are capable of endorsing such first-hand judgement by genuine personal response [...] The minority capable not only of appreciating Dante, Shakespeare, Baudelaire, Hardy (to take major instances) but of recognising their latest successors constitute the consciousness of the race (or a branch of it) at a given time. [...] Upon this minority depends our power of profiting by the finest human experience of the past; they keep alive the subtlest and most perishable parts of the tradition. Upon them depend the implicit standards that order the finer living of an age, the sense that it is worth more than that, this rather than that is the direction in which to go. In their keeping, to use a metaphor that is metonymy also and will bear a good deal of pondering is the language, the changing idiom upon which fine living depends, and without which distinction of spirit is thwarted and incoherent. By “culture” I mean the use of such language.]

<sup>9</sup> Queeney Dorothy (Q. D.) Leavis era casada com Frank Raymond (F. R.) Leavis.

<sup>10</sup> Q. D. Leavis, *Fiction and the Reading Public*, London, Chatto & Windus, 1965.

<sup>11</sup> Mulhern, *The Moment of “Scrutiny”*, op. cit., p. 38.

<sup>12</sup> Leavis. *Fiction and the Reading Public*, op. cit., p. xiv.

dramático”.<sup>13</sup> Ainda, com base na expectativa de que os romancistas exibissem uma atitude moral em relação à vida, lançava um olhar retrospectivo sobre a história do romance inglês para declarar, olímpicamente, que sua grande tradição consistia, de fato, de três autores, anunciados desde o subtítulo: George Eliot, Henry James e Joseph Conrad.<sup>14</sup>

Pelos autores que estuda, pelas teses que defende e pelas ideias e concepções que põe em movimento, *A ascensão do romance* pode ser lido como uma resposta a essas duas obras de crítica de autoria dos dois professores de Ian Watt na Universidade de Cambridge.<sup>15</sup> Watt não apenas retrocede ao século XVIII para investigar as condições históricas, filosóficas e literárias que deram origem ao novo gênero na Inglaterra e explicam sua ascensão, como explora os condicionantes para a formação de um novo público leitor, para a democratização da leitura e para a ampliação do acesso de uma nova classe social ao universo do livro. Por outro lado, se, na esteira de F. R. Leavis, Watt retém a dimensão moral da literatura ao valer-se do conceito de “realismo de avaliação” [*realism of assessment*] para tratar de certos tipos de romance, ele propõe que é o “realismo formal” [*formal realism*] – um conjunto de procedimentos narrativos que encarna uma visão circunstancial da vida – o fator determinante que distingue o novo gênero e lhe confere a prerrogativa de “tentar retratar todas as variedades da experiência humana”.<sup>16</sup>

De seus mestres ingleses, Ian Watt incorpora e revisa muitos dos pressupostos que lhes orientaram os projetos, dialogando diretamente com as ideias e concepções ali apresentadas. Deles, Ian Watt herdou a consciência da importância da forma literária e um significativo pendor empirista, que nos Leavis se traduzia em aversão à teoria e no culto da experiência em estado puro.<sup>17</sup> Porém, e aqui vai uma diferença fundamental, Watt distanciou-se da posição idealista que os caracterizava e definia, graças à sua exposição à sociologia e à antropologia, por um lado,

<sup>13</sup> As citações são de Francis Mulhern, “English Reading”, in Homi K. Bhabha (ed.), *Nation and Narration*, London, Routledge, 1990, p. 250-64 (p. 255).

<sup>14</sup> F. R. Leavis, *The Great Tradition. George Eliot, Henry James, Joseph Conrad*, London, Chatto & Windus, 1948. Como lembra, divertido, um crítico, a grande tradição do romance inglês deveria se reduzir a George Eliot, uma vez que Henry James era norte-americano e Joseph Conrad era polonês. Na realidade, Leavis também dá algum espaço para Jane Austen e Charles Dickens, mas aqui a ênfase recai de fato em Eliot, James e Conrad, pois ele está interessado em “distinguir os poucos realmente grandes – os principais romancistas que contam da mesma maneira que os principais poetas, no sentido de que não apenas mudam as possibilidades da arte para os praticantes e leitores, mas também são significativos em termos da sensibilização humana que promovem; sensibilização das possibilidades da vida”. [No original: “distinguish the few really great – the major novelists who count in the same way as the major poets, in the sense that they not only change the possibilities of the art for practitioners and readers, but that they are significant in terms of the human awareness they promote; awareness of the possibilities of life.” (cf. p. 2)]

<sup>15</sup> Sobre o livro de Q. D. Leavis há uma menção de Ian Watt ao “grande estímulo” que representou a leitura de *Fiction and the Reading Public* no início de sua pesquisa. Ver Prefácio, *The Rise of the Novel*, op. cit., p. 8.

<sup>16</sup> Watt, *The Rise of the Novel*, op. cit., p. 11.

<sup>17</sup> Ver Baldick, *The Social Mission of English Criticism*, op. cit.

e, por outro, à incorporação de uma proveitosa leitura de *A teoria do romance* (G. Lukács) e de *Mimesis* (E. Auerbach), realizada no imediato pós-guerra. Em suas próprias palavras:

Aparentemente forcejei nos dois meses seguintes pelas páginas de *Die Theorie des Romans* (1920), de Georg Lukács, e de *Mimesis* (1946), de Erich Auerbach. Eu digo que forcejei sobretudo porque isso significa que tive de aprender alemão pela terceira vez. Tanto Lukács quanto Auerbach na realidade contribuíram muito mais para *A ascensão do romance* do que sugerem as poucas referências no texto.<sup>18</sup>

A combinação de seu “Cambridge training” com essa tradição, portanto, lhe permitiu integrar à sua investigação a preocupação com as forças sócio-históricas que possibilitaram uma mudança de paradigma na prosa de ficção do século XVIII.<sup>19</sup> Ian Watt não esteve só nessa opção crítica, pois esse foi o caminho dessa geração do pós-guerra, que se caracterizou pela resistência contra a separação entre texto e contexto e se responsabilizou por um notável florescimento do interesse crítico pelo romance.

A década de 1950, portanto, marcou um momento importante de transição e contradição na crítica. No caso da Inglaterra, a posição representada pelos Leavis, embora ainda muito influente, começava a sofrer contestação, que se traduziu nessa atenção cada vez maior às ligações entre a literatura e seu contexto social. Nesse novo ambiente, saíram à luz obras hoje canônicas sobre o romance, fugindo assim à tradição estabelecida desde Matthew Arnolds, que elegera a poesia como o “novo centro ‘humano’ da cultura moderna”<sup>20</sup> e transformara os estudos literários em “um agente indispensável de coesão social” e em substituto do mundo perdido da comunidade orgânica.<sup>21</sup> A nova geração, sem abrir mão dos preceitos da crítica prática, de I. A. Richards e do Cambridge English, posições atentas ao estudo da forma literária, incorporou a consciência do processo sócio-histórico, quase sempre ausente na reflexão dos seus antecessores, notadamente antimarxistas. Esse o passo significativo dado por Ian Watt, a quem poderíamos igualmente juntar Arnold Kettle, com *An Introduction to the English Novel* (1951-53), e Raymond Williams, com *Culture and Society* (1958).

<sup>18</sup> No original: “I apparently made my painful way in the next couple of months through Georg Lukács’s *Die Theorie des Romans* (1920) and Erich Auerbach’s *Mimesis* (1946). I say painful mainly because it meant learning German for the third time. Both Lukács and Auerbach actually contributed much more to *The Rise of the Novel* than the few references in the text suggest”. Ver Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 73.

<sup>19</sup> A essa altura, de qualquer modo, o “New Criticism” dava sinais de esgotamento e essa guinada logo se iria sentir através do trabalho de outros intelectuais ingleses, como Raymond Williams, que contribuíram muitíssimo para incluir a história social no arco de suas reflexões sobre literatura e cultura.

<sup>20</sup> Chris Baldick, *Criticism and Literary Theory, 1890 to the Present*, London, New York, Longman, 1996, p. 17.

<sup>21</sup> Baldick, *The Social Mission of English Criticism*, *op. cit.*, p. 225.

Chris Baldick sugere que a experiência da guerra explicaria essa mudança de rumo, em que o interesse da crítica se desloca “do poeta antissocial para o romancista socialmente responsável” como um meio de manter viva a discussão a respeito das dimensões sociais e históricas da literatura.<sup>22</sup> Contudo, caberia acrescentar que, no caso de Watt, também foi crucial o contato com as ciências sociais na UCLA em 1947, ocasião em que conheceu um emigrado alemão fugido do regime nazista que iria, segundo palavras do próprio autor, conformar *A ascensão do romance* intelectualmente:

o resultado mais significativo desse desvio pelas ciências sociais foi pôr-me em contato com alguém que certamente seria mais responsável do que qualquer outra pessoa pela configuração intelectual de *A Ascensão do Romance* e pelo longo atraso em sua conclusão, o falecido Theodor Adorno, hoje famoso como um líder da Escola de Frankfurt, naquela época situada na área em torno dos Pacific Palisades.<sup>23</sup>

Esse encontro em 1947 dá início ao que aparenta ter sido um relacionamento longo e uma troca frutífera, pelo menos para Watt, que ganha um leitor e um interlocutor, uma vez que Adorno manifesta interesse em ler o que ainda era àquela altura apenas um manuscrito, uma obra em fase de elaboração. Embora a citação seja longa, vale a pena ouvir o que Watt tem a dizer sobre esse encontro:

Depois vim a conhecer Adorno razoavelmente bem, [...] dada a sua visão assustadoramente ampla do que estava à disposição de qualquer pessoa culta, percebi que eu tinha um longo caminho pela frente; e, por fim, passei a entender que o que ele mais apreciava em minha tese eram na realidade os paralelos independentes ou as ampliações de algumas das ideias gerais da Escola de Frankfurt, em especial algumas das idéias veiculadas numa obra que surgiu naquele ano, *A dialética do esclarecimento* (1947). A discussão, ali, da “astúcia da razão tecnocrática” tem alguma semelhança com partes de *A ascensão do romance*: o que eu havia dito sobre *Robinson Crusoe*; o que sugeri sobre as potencialidades da exploração de massa contida na identificação mais estreita entre a obra literária e o leitor, que se tornou possível graças à imprensa e àquilo que já chamei de “realismo formal”; e, de modo mais abrangente, o que disse sobre as ligações maiores entre cidade e privatização burguesa, contidos no capítulo que trata da imprensa e da experiência privada.<sup>24</sup>

O regresso de Adorno à Alemanha não interrompeu esse diálogo. Ainda segundo Watt, sua influência se fará também sentir no artigo “Robinson as a myth”, publicado em *Essays in Criticism* em 1951,<sup>25</sup> e seu papel terá sido o de ajudá-lo a

<sup>22</sup> Baldick. *Criticism and Literary Theory, 1890 to the Present*, *op. cit.*, p. 120.

<sup>23</sup> Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 73.

<sup>24</sup> Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 73-4. Só um cotejo entre o manuscrito e a versão final do livro pode indicar se esse capítulo é o que corresponde a “Private Experience and the Novel”.

<sup>25</sup> Ian Watt, “Robinson Crusoe as a Myth”, *Essays on Criticism*, v. I, n. 2 p. 95-119, 1951. Segundo informa o autor em outra parte, foi no ano de 1951 que ele retomou o estudo do romance do século XVIII, tendo sido a 6ª versão revisada do livro a que foi finalmente aceita para publicação, em 1956.

ir além do senso comum, embora, paradoxalmente, o principal objetivo de Watt fosse “transcender o que havia aprendido com as modalidades idealistas do pensamento alemão traduzindo-o em categorias empíricas e linguagem de senso comum”.<sup>26</sup>

Esse paradoxo parece estar contido nesse relato, que ilustra o argumento de Watt em defesa da importância da filosofia para “promover nossa compreensão da experiência literária, estética e histórica”, porém contra “as abstrações desnecessárias”, o que explicaria, a meu ver, o arrepio a que ele se refere a seguir:

Lembro-me de uma conversa com Theodor Adorno quando, depois de eu ter contado o que havia feito aquela manhã (retirado alguns livros da biblioteca, ido à lavanderia etc.) e perguntado sobre seus afazeres, senti um ligeiro arrepio quando ele respondeu: “Tenho meditado sobre problemas eróticos e musicológicos”.<sup>27</sup>

Se o temperamento empírico que valoriza sobretudo a experiência humana e a natureza imaginativa da literatura parece falar mais alto, sugerindo um certo desencanto com todo tipo de teoria e um “ceticismo com os métodos filosóficos em geral”,<sup>28</sup> Watt não deixa de reconhecer o significado que teve para ele essa relação intelectual:

Adorno foi uma pessoa muitíssimo fértil e generosa; havia uma pureza, quase uma inocência infantil, em seu entusiasmo pela vida do espírito; ele me pôs em contato com toda a tradição do pensamento alemão na história, na literatura, na sociologia e na psicologia; e fez isso do único modo que isso poderia ter sido feito para mim, porque eu nunca teria acreditado que as pessoas de fato pensavam assim até que vi Adorno em ação, dia após dia.<sup>29</sup>

Um exame detido de *A ascensão do romance* expõe as diferentes linhas de força que o estruturam: desde o interesse pela relação entre o romance e seu público, num evidente acerto de contas com seus predecessores na crítica inglesa, o compromisso com o que ele denomina “a imaginação literal”, isto é, a atenção às “particularidades concretas”, à experiência humana, até a disposição de, por meio de um vocabulário analítico claro e destituído de arrogância intelectual, incorporar o que de melhor as tradições críticas inglesa e alemã foram capazes de produzir.

Ver “Serious Reflection on *The Rise of the Novel*”. *Novel: A Forum on Fiction*, v. 1, n. 3, Spring 1968, um exame das reações ao livro, que resulta em um irônico exercício de anatomia do ato de resenhar e da atividade do resenhista.

<sup>26</sup> Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 76. Observe-se que Watt usa “idealistas” aqui num sentido muito particular, referindo-se à esfera das ideias em oposição ao mundo concreto da experiência sensível.

<sup>27</sup> Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 90-1.

<sup>28</sup> Tzvetan Todorov, “Realist Criticism: Correspondence with Ian Watt”, in *Literature and Its Theorists. A personal view of twentieth-century criticism*, trans. Catherine Porter, London, Routledge & Kegan Paul, 1988, p. 106-21 [p. 119].

<sup>29</sup> Watt, “Flat-Footed and Fly-Blown: The Realities of Realism”, *op. cit.*, p. 74.

Seu tratamento do realismo, o qual deveu principalmente à leitura de Lukács<sup>30</sup> e Auerbach, a articulação entre forma e processo histórico e a disposição hegeliana dos pressupostos teóricos e dos argumentos em termos de tese, antítese e síntese – perceptível inclusive no modo como propõe a obra de Jane Austen como uma síntese feliz dos modos narrativos de Richardson e Fielding, ou na tensão tácita ou explícita entre “realismo de apresentação” e “realismo de avaliação”<sup>31</sup> – tudo parece autorizar a caracterização de Watt como um crítico dialético, a seu modo.<sup>32</sup>

Em resposta a uma carta de Todorov, Watt questiona em que medida, ou sentido, sua “posição crítica” é “realista” (as aspas são dele), recusando, por um lado, o título de “crítico mimético” à maneira de Auerbach, mas reafirmando, por outro, sua crença de que grande parte da melhor crítica literária se ocupa da “relação entre a obra e o mundo, ou entre a obra e as palavras que usamos para descrevê-la”.<sup>33</sup> Como resposta às imputações de empirismo ingênuo por parte de alguns de seus pares, Watt assevera não ter convicções fechadas a respeito do sentido de “realismo” como termo literário. No esforço de esclarecer sua posição, declara não acreditar na existência de uma doutrina crítica completamente formada do realismo enquanto categoria aplicada ao romance, rejeitar a ideia de que o único objetivo do romancista seja uma imitação fotográfica da realidade, e duvidar que algum escritor decente desde Duranty a tenha sustentado. Acrescenta, por outro lado, que não vê nenhum sentido na noção de que os romances não sejam, de certa forma, sobre a “vida real”.<sup>34</sup> Sua insistência, compreensível, em explicitar qual o significado que atribui a esses conceitos tão conflagrados, visa corrigir apreensões errôneas ou parciais do uso que fez deles, serve igualmente para reafirmar os vínculos entre literatura e sociedade como um programa crítico

<sup>30</sup> De Lukács Watt leria ainda *Studies in European Realism* e “Narrar ou descrever”, referido indiretamente no ensaio “Flat-Footed and Fly-Blown”. Watt: “quanto a Lukács, eu havia lido e, até certo ponto aceitado, algumas de suas posições hegelianas e marxistas.”; “Assim, a admiração de Lukács pelos realistas – de Scott e Balzac a Tolstoi – e sua rejeição aos naturalistas, baseia-se em seus próprios valores filosóficos, políticos e estéticos, que o fizeram rejeitar qualquer atitude mecânica, conformista ou passiva com relação ao mundo material e social” [No original: “as to Lukács, I had read, and to some extent accepted, some of his ideas, both Hegelian and Marxist”; “Thus Lukács’s admiration for the realists – from Scott and Balzac to Tolstoy – and his rejection of the naturalists, is based upon his own philosophical, political, and aesthetic values, which lead him to reject any mechanical, conformist, or passive attitude to the material and social world”. Ver p. 78 e 82, respectivamente.]

<sup>31</sup> A primeira expressão se refere às técnicas narrativas que produzem a impressão de realidade no romance, sendo portanto um sinônimo de “realismo formal”; a segunda, às normas sociais e morais a partir das quais julgamos a vida dos indivíduos e suas ações.

<sup>32</sup> Ian Watt procedeu a uma espécie de radiografia e autocrítica do livro em “Serious Reflections on *The Rise of the Novel*”, publicado originalmente em *NOVEL: A Forum in Fiction*, v. 1, n. 3, Spring 1968 e republicado em Bruce Thompson (ed.), *The Literal Imagination*, Palo Alto, Ca., The Society for the Promotion of Science and Scholarship; Stanford, Ca., Stanford University, 2002, p. 1-19. Nesse e em outros textos do autor, não passam despercebidas sua ironia e autoironia.

<sup>33</sup> Todorov, “Realist Criticism: Correspondence with Ian Watt”, *op. cit.*, p. 115.

<sup>34</sup> Ian Watt, “Realism and Modern Criticism of the Novel”, *Stanford Humanities Review*, v. 8, n. 1, p. 70-85, 2000 (versão digitada, generosamente cedida por Bruce Thompson, editor da revista, a quem agradeço agora publicamente).

de quem acredita que “a literatura é o meio mais sutil e duradouro que o homem criou para se comunicar com seus iguais”.<sup>35</sup> No exercício crítico, Watt ressalta o valor moral da literatura, assumindo um ponto de vista ético no tratamento das obras literárias, mas nem por isso descarta seu valor social e a crença na particularidade realista com seu amplo arco de significados. Para ele, a realidade tem um componente social muito importante, o que a meu ver explica, por exemplo, seu aproveitamento da concepção lukacsiana segundo a qual as forças históricas se manifestam num destino individual, tipificando nas vidas particulares dos indivíduos questões sociais e padrões históricos. Esse é, sem dúvida, um traço inequívoco das leituras que empreendeu dos diferentes autores e obras que privilegiou.

Nesse mesmo diapasão, e ainda que em caráter absolutamente exploratório, cabe seguir a trilha sugerida pelo próprio crítico, quando ele estabelece paralelos entre alguns aspectos de sua obra mais conhecida (mas não apenas dela) e alguns aportes da *Dialética do esclarecimento*.<sup>36</sup> As referências de Adorno e Horkheimer a Robinson Crusoe no Excurso I, “Ulisses ou mito e esclarecimento”, com sua aproximação ao Ulisses homérico, sem dúvida alimentaram a reflexão de Watt sobre a personagem que ele iria discutir em diversas ocasiões: no artigo publicado em *Essays in Criticism* em 1951,<sup>37</sup> em “Defoe as novelist”, de 1957,<sup>38</sup> em um capítulo de *A ascensão do romance* (1957) e no ensaio *Mitos do individualismo moderno* (1994),<sup>39</sup> que retoma e revisa em certa medida algumas ideias do primeiro. Para além da errância e da vida aventureira de ambos os heróis, a associação entre eles que, a intervalos, Adorno e Horkheimer sugerem diz respeito ao problema da constituição do indivíduo e do custo da dominação de si mesmo em um mundo adverso e inumano, governado por forças míticas e/ou naturais. Não é o caso de tentar reproduzir aqui a argumentação dos dois pensadores alemães sobre o entrelaçamento do esclarecimento e do mito. Para sondar as possíveis conexões pressentidas por Watt, penso que é produtivo ter como baliza o seguinte apontamento de Jeanne Marie Gagnebin sobre a leitura que fizeram Adorno e Horkheimer da viagem de Ulisses:

Adorno e Horkheimer encontraram na *Odisséia* a descrição da construção exemplar do sujeito racional que, para se construir a si mesmo como “eu” soberano, deve escapar das tentações e das seduções do mito, assegurando seu domínio sobre a natureza externa e, também, sobre a natureza interna, sobre si mesmo.<sup>40</sup>

<sup>35</sup> Todorov, “Realist Criticism: Correspondence with Ian Watt” *op. cit.*, p. 117.

<sup>36</sup> Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, *Dialética do esclarecimento*. Fragmentos filosóficos, trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.

<sup>37</sup> Watt, “Robinson Crusoe as a myth”, *op. cit.*, ver nota 25.

<sup>38</sup> Ensaio publicado originalmente em *The Penguin Guide to English Literature*, depois em *The New Pelican Guide to English Literature* (v. 4) e finalmente recolhido em Bruce Thompson (ed.), *The Literal Imagination*, *op. cit.*, p. 92-105.

<sup>39</sup> Ian Watt, *Mitos do individualismo moderno*, trad. Mario Pontes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

<sup>40</sup> Jeanne Marie Gagnebin, “A memória dos mortais: notas para uma definição de cultura a partir de uma leitura da *Odisséia*”, in *Lembrar escrever esquecer*, São Paulo, Editora 34, 2006, p. 13-27 [p. 13].

Se, conforme sumaria Gagnebin, na perspectiva dos autores da *Dialética* a saga de Ulisses “representa [...] a formação do sujeito pela dominação da natureza e pela auto-repressão”,<sup>41</sup> as ressonâncias com a história de Robinson Crusoe logo se fazem ouvir. Não só essa é uma questão que está no âmago do romance moderno, como Daniel Defoe a encena de modo exemplar na narrativa do jovem que abandona a casa paterna e enfrenta o desconhecido em busca de aventura e de ascensão social. Os deuses já não regem seu destino, ainda que a Providência, invocada inúmeras vezes, seja responsabilizada pelo sucesso e também pelos infortúnios da empresa, bem de acordo com a tradição puritana de interpretar os incidentes da vida como sinais da intenção ou da intervenção divina.<sup>42</sup>

Para enfrentar o desamparo e manter sua condição humana em situações de risco, o náufrago faz uso do controle racional e da astúcia, na difícil tarefa de sobrevivência e superação dos perigos e desafios a que é submetido no curso de suas aventuras. Para tanto, tal qual Ulisses, num estado de “solidão absoluta” (a expressão é de Adorno e Horkheimer), Crusoe se vale da razão instrumental para domar a natureza e construir uma estrutura mínima de subsistência na ilha deserta. Para conquistar o meio ambiente, o marinheiro inglês depende do planejamento racional e do cálculo, assim como de ações pragmáticas e utilitárias que acabam por recriar nesse novo espaço, a partir de destroços, uma pequena Inglaterra, onde ele é rei e senhor. O instinto de autopreservação aciona e mobiliza todas as habilidades do náufrago e o faz raciocinar, ponderar sobre cada passo que dá e cada providência que toma – a razão o orienta e conduz nas tarefas cotidianas de reprodução da vida:

Da mesma forma como a razão é a substância e origem da matemática, ao afirmar e esquadrihar cada coisa com a razão e fazer julgamentos mais racionais das coisas, todo homem pode dominar qualquer arte mecânica. Eu nunca havia manejado uma ferramenta em toda a minha vida; mas, com o tempo, com labor, aplicação e engenho, descobri por fim que eu não desejava nada que não pudesse fazer, especialmente se dispusesse de ferramentas.<sup>43</sup>

Dessa maneira, as mais diversas operações necessárias à sua sobrevivência (o preparo de alimentos, confecção de vestimentas, plantio, colheita etc.) e os seus resultados passam a ser descritos em detalhes – Crusoe contabiliza, descreve, explica, anota e preenche a narrativa com aquelas particularidades que incorporam ao romance “a visão circunstancial da vida” que Watt denominou “realismo formal”.

<sup>41</sup> *Idem, ibidem*, p. 13.

<sup>42</sup> Watt, “Defoe as novelist”, *op. cit.*, p. 97.

<sup>43</sup> Defoe, *Robinson Crusoe*, p. 64. [No original: “as reason is the substance and original of the mathematicks, so by stating and squaring everything by reason, and by making the most rational judgment of things, every man may be in time master of every mechanick art. I had never handled a tool in my life, and yet in time, by labour, application, and contrivance, I found at last that I wanted nothing but I could have made it, especially if I had had tools...” (p. 85)].

Esse processo de produção das condições mínimas de existência reproduz, conforme pontua Watt, as diferentes etapas da história humana – coleta, caça, pesca, pastoreio e agricultura<sup>44</sup> – e introduz nessa ilha deserta a “racionalidade dos processos da vida econômica”.<sup>45</sup> O empenho e a perseverança de Crusoe em conferir alguma ordem a seu cotidiano, administrar seu tempo, organizar sua existência e, sobretudo, virar as condições adversas a seu favor acabam por fazer dele “um triunfo da façanha e da iniciativa humanas”.<sup>46</sup> O objetivo primordial do lucro, o utilitarismo, a comodificação das relações humanas – tudo justifica a expressão *homo economicus* que se atribuiu a ele. Epítome do empreendedor capitalista, encarnação do individualismo econômico, como quer que o descrevamos, Crusoe se transformou numa figura mítica, na medida em que simbolizou/symboliza alguns dos valores fundamentais de uma sociedade em mudança e de uma classe em ascensão, assumindo um papel central na construção do significado do individualismo moderno.

Sua formação como indivíduo tem como preço, por um lado, o enfrentamento de grandes provações e, por outro, a separação dos outros homens. À ruptura dos laços familiares, com a saída de casa, segue-se uma sucessão de episódios em que Crusoe sistematicamente descarta todos os vínculos que a vida lhe oferece em favor do domínio sobre aqueles que cruzam seu caminho. Assim, trata Xuri como uma mercadoria, vendendo-o ao capitão português, depois de o pequeno mouro tê-lo ajudado na fuga e na travessia marítima. Com o nativo que encontra após 25 anos de isolamento na ilha, não é diferente: em vez de amigo, prefere fazer de Sexta-Feira seu escravo. Crusoe lhe dá um nome, ensina-lhe inglês e o recruta em seu serviço. O sujeito colonial fala, mas a língua que ouvimos é a do colonizador. O inglês fluente, porém rudimentar, de Sexta-Feira é a manifestação oral de sua escravidão voluntária. “Amo” é a palavra que ele aprende para designar Crusoe. Peter Hulme descreveu esse como “o encontro colonial paradigmático, aquela cena-chave da literatura colonial em que o caribenho-americano recentemente resgatado, que logo será chamado de Sexta-Feira, põe a cabeça embaixo do pé de um europeu desconcertado”.<sup>47</sup> Os “sinais [“signs”] [...] de sujeição, servidão e submissão”<sup>48</sup> de Sexta-Feira se convertem em mais do que gestos e movimentos corporais; ao contrário, sugerem que sua adoção da língua do “civilizador” inscreve o signo (“sign”) linguístico (significado e significante) nos processos de domesticação e dominação social que fizeram parte do empreendimento colonial no Novo Mundo. A educação do nativo e a “dádiva” de Crusoe da língua do conquis-

<sup>44</sup> Watt, “Robinson Crusoe”, in *Mitos do individualismo moderno*, op. cit., p. 158.

<sup>45</sup> Watt, “Robinson Crusoe as a myth”, op. cit., p. 100.

<sup>46</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 99.

<sup>47</sup> Peter Hulme, *Colonial Encounters. Europe and the Native Caribbean 1492-1797*, London, Routledge, 1992, p. 176 (tradução minha).

<sup>48</sup> Defoe, *Robinson Crusoe*, op. cit., p. 173. [No original: “signs of [...] subjection, servitude, and submission” (p. 209)].

tador concretizam o grande sistema de subjugação que constitui a *Aufklärung* e o exercício de formas de controle e poder que ela implica. O esclarecimento, como Adorno e Horkheimer demonstraram com clareza, contém dialeticamente sua negação, revelando o lado sombrio do projeto de emancipação humana. *Robinson Crusoe* está no âmago dessa problemática.

“*Commerce*” – que significa comércio, negócios, trocas, mas também relações pessoais – parece ser o termo realmente sob medida para descrever a natureza dos “vínculos” que Crusoe estabelece com seus semelhantes. A sua é uma existência essencialmente solitária, que exclui as relações familiares, de amizade ou mesmo amorosas, pois até o casamento e os filhos se reduzem a algumas linhas de seu relato, como se fossem acidentes de percurso e não acontecimentos importantes na esfera privada. Refletindo em retrospecto sobre sua vida na ilha, no último livro da trilogia, Crusoe nos oferece um ensaio sobre a solidão. Ali, deixa registrados alguns apontamentos sobre essa condição humana, que experimentou por tanto tempo e de modo tão inescapável:

O que significam para nós as tristezas dos outros homens? E sua alegria? Algo que pode nos comover de fato, pela força da compaixão e por uma secreta reviravolta das afeições; mas toda a reflexão genuína é dirigida a nós mesmos. Nossas meditações são todas perfeita solidão; nossas paixões são todas exercidas em recolhimento; amamos, odiamos, cobiçamos, desfrutamos, privada e solitariamente. Tudo o que comunicamos disso a outrem o é para auxiliá-los na persecução de nossos desejos; a finalidade é caseira; o gozo, a contemplação, é tudo solidão e recolhimento; é para nós mesmos que desfrutamos, e para nós mesmos que sofremos.<sup>49</sup>

Não parece difícil compreender por que Robinson Crusoe se tornou um dos mitos do individualismo moderno e sua epopeia pessoal ganhou o *status* de narrativa emblemática de um momento crucial na história da constituição do mundo burguês. Sua odisséia encarnou os dilemas e valores de uma sociedade em vias de erigi-la em modelo e ideal para seus cidadãos.

Em resposta ao romancista vitoriano Walter Besant, que havia alegado que sem aventura a ficção era impossível, Henry James manifestou certa feita sua discordância:

<sup>49</sup> Daniel Defoe, “Of solitude”, in *Serious Reflections during the life and surprising adventures of Robinson Crusoe: with his vision of the angelick world*. Written by Himself, London, Printed for W. Taylor, 1720, p. 2-3 [No original: “What are the Sorrows of other Men to us? And what their Joy? Something we may be touch'd indeed with, by the Power of Sympathy, and a secret Turn of the Affections; but all the solid Reflection is directed to our selves. Our Meditations are all Solitude in Perfection; our Passions are all exercised in Retirement; we love, we hate, we covet, we enjoy, all in Privacy and Solitude: All that we communicate of those Things to any other, is but for their Assistance in the Pursuit of our Desires; the End is at Home; the Enjoyment, the Contemplation, is all Solitude and Retirement; 'ts for our selves we enjoy, and for our selves we suffer”].

Por que sem aventura, mais do que sem matrimônio, celibato, parturição, cólera, hidropatia, ou jansenismo? Por que devolver ao romance o miserável e pequeno papel de ser uma coisa artificial, engenhosa – rebaixá-lo de sua grande e livre condição de uma imensa e extraordinária correspondência com a vida?<sup>50</sup>

*Robinson Crusoe* é um romance de aventuras e não contém a maioria dos temas (entre eles os que James sugere) que o gênero incorporou ao longo de sua história. Contudo, dele não se pode dizer que não tenha uma “imensa e extraordinária correspondência com a vida”.

<sup>50</sup> Citado por Ian Watt em “Realism and Modern Criticism of the Novel”. *op. cit.*, p. 70-85 (versão digitada, generosamente cedida por Bruce Thompson, editor da revista). Watt parece citar de memória, pois o texto original é: “Why without adventure, more than without matrimony, or celibacy, or parturition, or cholera, or hydropathy, or Jansenism? This seems to me to bring the novel back to the hapless little rôle of being an artificial, ingenious thing – bring it down from its large, free character of an immense and exquisite correspondence with life?” [Cf. Henry James, *The art of fiction*, in *Literary Criticism*, New York, The Library of America, 1984, v. I, p. 61].